

Apresentação:

Os artigos apresentados aqui tratam do tema do tempo e dos seus jogos de amarração da memória no interior de um espaço cuja característica maior é sua feição imaginária. A intenção é fundar uma tradição de pesquisa sobre a dialética da duração de memórias coletivas e as feições do tempo no corpo dos estudos de antropologia do mundo urbano contemporâneo.

O primeiro artigo, "Jogos da Memória", apresenta o desafio de uma reflexão antropológica a inteligência narrativa que orienta os trabalhos da memória, numa tentativa feliz de contribuir para os estudos clássicos do pensamento antropológico sobre o tema. A inspiração se encontra nos comentários provocadores de Gilbert Durand ("As estruturas antropológicas do imaginário") sobre a função transcendental que preside os trabalhos do tempo nas culturas e sociedades humanas. Um artigo inaugural por seu esforço de situar um projeto de pesquisa etnográfica no interior dos jogos da memória no contexto do mundo urbano contemporâneo, a partir da retomada crítica da obra de Maurice Halbwachs ("A memória coletiva"; "Os quadros sociais da memória") sobre a memória coletiva e de suas influências bergsonianas, à luz das críticas a elas dirigidas por Gaston Bachelard ("A dialética da duração"; "A poética do espaço"), e Jean Piaget ("Filosofia e as ilusões da sabedoria"), em seus estudos sobre a dialética da duração, inspirados na teoria einsteniana do tempo, e o lugar da imaginação para o nascimento da função simbólica no pensamento humano, respectivamente.

No segundo artigo, "A desintegração do tempocentrismo como contemplação estética: as reminiscências de Claude Lévi-Strauss sob os Tristes Trópicos", num desafio de aplicabilidade do que afirma o primeiro, os jogos da memória aparecem revelados nos espaços e territórios que o Brasil e as suas cidades ocupam na imaginação criadora do antropólogo Claude Lévi-Strauss em sua viagem iniciática aos Tristes Trópicos, nos anos 30 do século XX. A intenção das autoras é revelar a presença de uma racionalidade eurocêntrica na narrativa levistraussiana na forma como ela pretende fornecer explicações para as feições disformes do tempo no nascimento das cidades do Novo Mundo, apontando os limites desta narrativa compreender a harmonia conflitual que orientam as relações entre a ordens da natureza e da razão nas formas de organização da vida social no interior de uma civilização urbana sob os Trópicos.

Na seqüência, "A retórica do mito do Progresso, Brasil, um país sem memória!", as autoras vão buscar compreender as origens da afirmação do senso comum de que a sociedade brasileira se compõe de um povo sem memória, neste artigo, enfrenta-se o debate em torno do mito do Progresso como uma das principais motivações simbólicas que configuram os gestos fundadores da vida coletiva nos Trópicos e, por derivação, suas manifestações no nascimento da civilização urbana no Brasil. As imagens do grotesco, do bestial, do monstruoso participam da consolidação das teorias interpretativas da formação da sociedade brasileira e nas modalidades simbólicas de controle do tempo que invadem o pensamento social brasileiro.

Esse mesmo espanto com o ritmo urbano é o que Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert compartilham na re-leitura de "Tristes Trópicos", do antropólogo Claude Lévi-Strauss, em "Confissões eurocêntricas: uma aventura exótica ao coração do Novo Mundo". O artigo traz uma reflexão sobre uma das mais belas "obras etnográficas", que narra uma aventura intelectual no labirinto das cidades brasileiras, as

autoras chamam a atenção para a presença, no texto do antropólogo francês, de uma interpretação sobre a dimensão temporal do ritmo das "jovens" cidades tropicais em uma relação tensional e conflitual entre Velho e Novo Mundo. Entre o sertão e as cidades da costa brasileira, entre as suas lembranças de viagens e suas reminiscências da Europa da Segunda Guerra Mundial, as autoras chamam a atenção para revisão da figura do antropólogo e dos seus conceitos e teorias geradas no corpo de um eurocentrismo, que se revelam como em nenhuma outra obra de Lévi-Strauss, a partir do exercício de escrita da experiência etnográfica, no confronto com os enraizamentos espaciais dos arranjos sociais da civilização urbana nos trópicos.

Finalmente, na perspectiva antropológica de se narrar os espaços fantásticos de uma civilização urbana no Brasil, seguem os artigos “A cidade e suas ruínas, pensando as ambições racionalistas de narrativas audiovisuais” e “A cidade de nossas avós: a condição da mulher em Porto Alegre/RS”, respectivamente, refletindo sobre as poéticas visuais que sustentam uma narrativa etnográfica sobre os significados dos gestos e atos de destruição da paisagem urbana no cotidiano dos habitantes da cidade e a condição da mulher na cidade de Porto Alegre, através do tempo, a partir dos relatos de cronistas e das narrativas biográficas de duas velhas senhoras, habitantes desta grande metrópole.

Boa leitura a todos!

Ana Luiza Carvalho da Rocha